

## As crianças campeãs das olimpíadas da periferia do Rio

15 de Agosto, 2016 - 22:56h

Longe dos holofotes mediáticos e da pressão das vitórias, as crianças da periferia do Rio de Janeiro também têm os seus Jogos Olímpicos graças a um projeto que recria um evento que não podem viver de perto devido à fronteira imposta pela pobreza. Por Laura Bonilla/AFP.

Jarbas Meneghini criou uma réplica da tocha olímpica e um pódio de caixas de verduras para aproximar os pequenos da experiência olímpica.

Com uma coroa de louros, os atletas sobem ao pódio para receber com incredulidade suas medalhas sob uma chuva de papel picado, ao som do hino brasileiro. Mas não estamos num estádio olímpico, e sim na periferia do Rio, onde um homem transforma em realidade o sonho de muitas crianças do seu bairro.

Este homem chama-se Jarbas Meneghini e tem 47 anos. Quando era jovem quis ser jogador de futebol profissional, mas nunca conseguiu. Tornou-se mecânico, e dedicou a sua vida a prestar homenagem ao desporto.

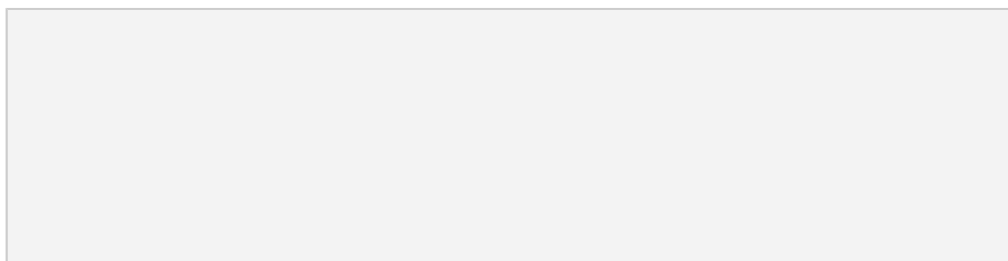
A sua casa situada em Campo Grande, um gigantesco bairro popular do oeste do Rio de Janeiro, a 40 km do centro, é uma espécie de museu da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos.

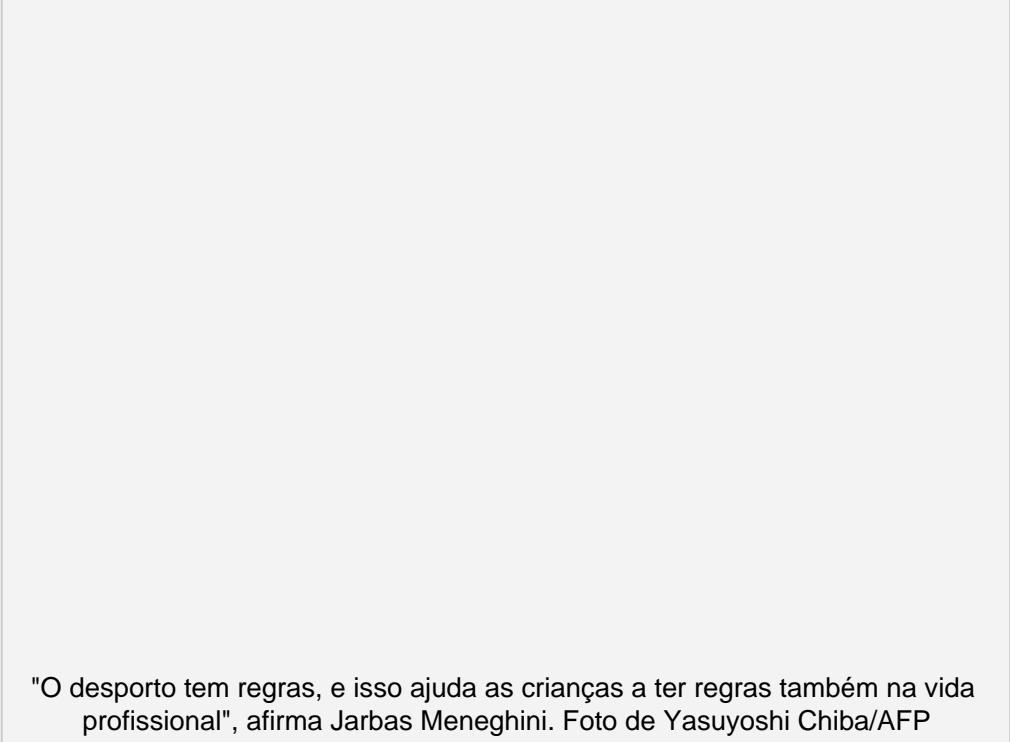
A bandeira olímpica e as de vários países ondeiam ao vento. Os aros olímpicos brilham na porta da garagem. A vitrine construída no muro externo ostenta pequenos troféus de vários desportos e estatuetas coloridas do Cristo Redentor.

Dentro, há um quarto que guarda dezenas de troféus e medalhas confeccionados por Jarbas, fotografias suas com lendas do futebol como Neymar, Pelé e Romário, e *souvenirs* de campeonatos de todo tipo.

### Pequenos atletas

Desde há um mês que todos os domingos, as crianças do bairro vão para lá correr na pista de atletismo improvisada construída no pátio, jogar na instável mesa de pingue-pongue instalada na calçada, correr pela rua com tochas olímpicas produzidas em PVC pelo próprio Jarbas ou dançar com os aros olímpicos.





"O desporto tem regras, e isso ajuda as crianças a ter regras também na vida profissional", afirma Jarbas Meneghini. Foto de Yasuyoshi Chiba/AFP

Também ouvem as suas anedotas sobre a história dos Jogos, ou sobre como conseguiu entregar a mais de 50 jogadores da seleção brasileira uma réplica em tamanho real do troféu da Copa do Mundo feita por ele mesmo.

As atividades prosseguirão durante todos os Jogos Olímpicos e Paralímpicos.

"O desporto tem regras, e isso ajuda as crianças a ter regras também na vida profissional. Há um horário para chegar, um horário para sair, o desporto educa", afirma à *AFP* este homem afável, que se emociona ao lembrar seus encontros com atletas famosos.

Quando soube que o Rio de Janeiro seria a sede dos primeiros Jogos Olímpicos da América do Sul, Jarbas mergulhou na tarefa de criar uma réplica da tocha olímpica, e as crianças foram pedindo mais e mais.

Até construiu um bonito pódio com caixas de verduras, e após as atividades desportivas as crianças recebem réplicas das medalhas e agitam ramos de flores artificiais numa uma cerimónia cuidadosamente orquestrada.

### **Os Jogos, caros e distantes**

Para muitas destas crianças, que nunca nas suas vidas pisaram o calçadão das famosas praias de Copacabana ou Ipanema e cujos pais não têm recursos para comprar um ingresso para uma competição olímpica, esta iniciativa representa a maior proximidade que nas suas vidas conseguirão ter em relação a uns Jogos Olímpicos.

O governo concentrou-se em fazer apenas estes centros desportivos olímpicos na Barra da Tijuca ou em Deodoro e esqueceu-se da comunidade carente

"Fiz tudo praticamente sozinho, com muito prazer. A minha mãe ajuda-me a costurar as bandeiras dos países, e minha esposa e minha filha ajudam-me também. Não há apoio do

governo à população carente da zona oeste como Campo Grande", conta Jarbas, que paga tudo do próprio bolso.

Na periferia do Rio "não haverá legado <sup>[1]</sup>", lamenta.

"O governo concentrou-se em fazer apenas estes centros desportivos olímpicos na Barra da Tijuca ou em Deodoro e esqueceu-se da comunidade carente. É algo muito triste. A única coisa que resta é a força do povo, de pessoas apaixonadas como eu para educar as crianças através do desporto", explica.

Os Jogos ficaram distantes das centenas de favelas do Rio, onde vive quase um terço da população desta cidade de seis milhões de habitantes. Ali não há atividades organizadas pelas autoridades olímpicas, e muitos dos seus habitantes sentem-se excluídos da maior celebração desportiva mundial.

Num momento em que o Brasil atravessa sua pior recessão em quase um século e uma profunda crise política, não são poucos os cariocas que perguntam por que é que o dinheiro investido nos Jogos não foi gasto para melhorar a educação ou a saúde pública, de péssima qualidade.

Jarbas não assistirá ao vivo a nenhuma competição olímpica, mas está acompanhar muitas disputas pela televisão. "Os ingressos são caros e é longe", explica.

Publicado no *site Carta Capital* <sup>[2]</sup> em 10 de agosto de 2016

Artigos relacionados:

Jogos Olímpicos ou Jogos da Exclusão? <sup>[3]</sup> O Rio de Janeiro tornou-se uma cidade-espetáculo gerida por empreiteiras? <sup>[4]</sup>

Sobre o/a autor(a):

- [Biblioteca](#)
- [Agenda](#)
- [Jornal Esquerda](#)
- [Blogsfera](#)
- [Comunidade](#)
- [Revista Vírus](#)
- [Wikifugas](#)
- [Ficha Técnica](#)

---

**URL de origem:** <http://www.esquerda.net/artigo/criancas-campeas-das-olimpiadas-da-periferia-do-rio/44018>

**Ligações:**

[1] <http://www.cartacapital.com.br/revista/913/rio-2016-maravilhosa-para-poucos>

[2] <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/as-criancas-campeas-das-olimpiadas-da-periferia-do-rio>

[3] <http://www.esquerda.net/artigo/jogos-olimpicos-ou-jogos-da-exclusao/43964>

[4] <http://www.esquerda.net/artigo/o-rio-de-janeiro-tornou-se-uma-cidade-espetaculo-gerida-por-empreiteiras/43786>